

De traduções, tradutores e processos de recepção literária

Tania Franco Carvalhal
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Se os anos 60 do século que acaba de findar se caracterizaram pelo desenvolvimento da reflexão teórica sobre o literário, com uma intensificação que repercute ainda no decênio seguinte, um dos campos beneficiados por esta tendência foi, certamente, o da tradução literária. Basta evocarmos um clássico do gênero, *Les problèmes théoriques de la traduction*, de Georges Mounin (1963), para nos darmos conta da complexidade desses estudos e vermos como se hesitava então entre a noção do “intraduzível” e seu contrário.

Nessa época, sabe-se, um grupo de estudiosos da Universidade de Constanza, reunidos em torno a H.-R. Jauss, desloca a reflexão do autor (emissor) para o leitor ou o público (receptor), reabilitando a importância da participação deste último na criação literária.

A noção de “Rezeptionsästhetik” ou estética da recepção ganha impulso e, como observa Lisa Block de Behar, esta noção “reconoce que la presencia dinámica de la historia se interpone entre la literatura y su estudio, entre la obra y el lector pero, desde el momento en que no puede eludirse, la asume”.¹ Isto está implícito na provocação contida no título da conferência de Jauss na Universidade de Constanza, o hoje clássico estudo “A história literária como um desafio à teoria literária” (1967). Também os conceitos de “horizonte de expectativa” e de “leitor implícito” (W. Iser) introduzem novas perspectivas na orientação crítica e nos estudos de literatura comparada, como assinalou Paul Cornea ao dizer

¹ Lisa Block de BEHAR. “Advertiendo al lector” In: *Al margen de Borges*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno Editores, 1987.

que “la vogue des théories de la réception a bouleversé les études consacrées aux sources”².

Poderíamos igualmente observar que essas teorias da recepção conjugam o estético com o histórico e em lugar de uma história das formas propõe uma história de efeitos.

O desenvolvimento dos estudos relativos à tradução como disciplina institucionalizada se produz neste contexto teórico-crítico no qual torna-se impossível dissociar tradução de disseminação e de recepção de uma obra.

A par de sua função de instrumento a serviço de um acesso a outras literaturas, a tradução adquire um estatuto próprio e ganha, no campo das pesquisas comparatistas, um lugar de relevo. Susan Bassnett em seu livro *Comparative literature. A critical introduction* (1991) insiste na centralidade desses estudos em literatura comparada, fazendo convergir de tal maneira as duas orientações que, em sua perspectiva, o comparatismo se encontra quase sinônimo de uma teoria da tradução.³

Em estudo posterior, intitulado “What is comparative literature?” (1995), cujo título em francês – “Lire en frontalier” (1996)⁴ — é esclarecedor como orientação metodológica, George Steiner vê a literatura comparada como uma herdeira de Babel e, em consequência, o estudo das traduções torna-se indispensável e prioritário neste domínio da investigação literária. “Cette affaire de traduite a donc la primauté en littérature comparée” — escreve ele — ‘et c’est ce qui la relie à ce que je considère comme un deuxième point de mire: la dissémination et la réception des oeuvres littéraires à travers temps et lieux.’⁵ Assim, para Steiner, a definição do campo de pesquisas comparatistas se faz no âmbito dos estudos de tradução associados aos de recepção literária, como anota:

Tout ce qui se passe entre les langues, entre les textes de périodes historiques ou de formes littéraires différentes, les interactions complexes d’une traduction nouvelle et de celles qui l’ont précédée, l’ancienne mais toujours vivante rivalité de la lettre et de l’esprit, tout ce commerce est bien celui de la littérature comparée. Étudier, par exemple, la grosse centaine de traductions anglaises de l’Iliade et de l’Odyssée, c’est connaître par expérience l’évolution de la langue anglaise (on devrait dire: des langues anglaises) de Caxton à Walcott: c’est pénétrer les rapports successifs et perpétuellement changeants de la sensibilité britannique et des représentations de l’ancien monde: c’est observer Pope qui lit Chapman et Dryden eux-mêmes lecteurs d’Homère et Pope lui-même lisant Homère comme à travers le brillant cristal de Virgile.⁶

² Paul CORNEA. “La littérature en Roumanie”. In: *Comparative literature worldwide: issues and methods/La littérature comparée dans le monde: questions et méthodes*. [Org. Tania F. Carvalhal], Porto Alegre, L&PM, Vitae, AILC, 1997, p.125.

³ Susan BASSNETT. *Comparative literature. A critical introduction*. Oxford, Blackwell, 1991.

⁴ George STEINER. *Op. cit.* Oxford, Clarendon Press, 1995. Em francês, *Passions impunies*. Paris, Gallimard, 1996.

⁵ George STEINER, p.133.

⁶ George STEINER, p. 132.

Nesta transcrição, pelo menos três elementos se esclarecem: a literatura resulta de tramas intertextuais, a literatura comparada se define pela mobilidade mesma que caracteriza seus estudos, ocupados com passagens, intercâmbios, migrações e trocas (comércio, diz Steiner), e a tradução se valida como sinônimo de leitura. Estudá-los significa entender como determinados autores foram lidos e o que estas leituras dizem sobre os povos, as línguas e as culturas que as receberam. Para Steiner, tradução, disseminação e recepção literárias estão ainda naturalmente associadas porque as questões que um comparatista propõe a si mesmo são sobretudo aquelas que intentam saber com precisão quem leu um certo livro, quem o pôde ler e quando. Assim, observa ele: “De quels extraits, de quels comptes rendus, de quelles citations et de quelles traductions des idéalistes allemands Coleridge a-t-il pu disposer?” Ou, mais adiante: “combien de temps fallut-il aux traductions-imitations françaises de Byron pour atteindre le Caucase?” Tentando definir a tarefa do comparatista, Steiner acentua o fato de que a cada etapa de seu trabalho, “il devra prendre ses plus hautes responsabilités quant à ces questions de traduction et de dissémination”⁷.

⁷ George STEINER, p.135.

Deste modo, graças a essas aproximações, não podemos deixar de reconhecer, hoje, que as traduções são elementos importantes nos processos de circulação literária e que devem ser estudadas em si mesmas e nas diferentes formas de sua contribuição, como concretização possível de outros textos e de outras culturas. Trata-se, sem dúvida, de um recurso indispensável à escrita da história literária, pois que a análise das traduções, no seu conjunto, possibilita acompanhar a evolução das formas e dos efeitos, dos gêneros e do gosto, através da penetração tardia de idéias, de estilos e de atitudes críticas que não são as nossas.

Além disso, como estratégia e lugar das mediações interliterárias, a tradução é considerada atualmente como um recurso essencial nas relações com o Outro. O tradutor é um intermediário exemplar que torna possível o conhecimento não apenas de uma literatura engendrada em outra língua mas também de costumes e dados culturais veiculados pelo texto traduzido. Dessa maneira, ele facilita contatos inesperados, permite o conhecimento de procedimentos e de formas literárias que recebem freqüentemente uma acolhida imprevista da literatura/cultura de chegada e que trazem consigo novas orientações e novas tendências.

Mas há neste contexto um outro dado fundamental. Nas reflexões mais recentes sobre a teoria da tradução, esta é considerada como um fator determinante na configuração da literatura mesma da língua na qual traduzimos. Isto porque ela exerce forte impacto sobre a literatura de chegada, trazendo consigo orientações e soluções novas ao literário.

Trata-se do que Manfred Schmeling pensou sobre a *recepção produtiva* (1984:75), observando que todo tipo de influência “ne s’explique plus, désormais, causal-génétiqúement d’une oeuvre à l’autre, d’un auteur à un autre, d’une nation à une autre” mas que ela se integra em um “procédé de réception complexe auquel participent trois instances: l’auteur, l’oeuvre, le public”.⁸

Pode-se também compreender a importância das traduções na organização de diferentes sistemas literários através das reflexões de Itamar Even-Zohar (desde 1978)⁹ e as que José Lambert explicita em “Plaidoyer pour un programme des études comparatistes: littérature comparée et théorie du polysystème”¹⁰. Os autores integram respectivamente os grupos de pesquisa das universidades de Tel Aviv e de Louvain e estudam as inflexões das traduções nas literaturas de chegada. Even-Zohar desenvolveu a noção de polissistema a partir das concepções dos formalistas russos (*Poetics today*, 1979 e 1990) e Lambert explora a descrição teórica do sistema literário em inúmeros trabalhos.

Do mesmo modo, Yves Chevrel no texto “Le texte étranger: la littérature traduite” (1989) do *Précis de littérature comparée*, que organizou com Pierre Brunel, observa que “Le système français du XVIII e siècle est profondément modifié par les textes traduits”, sublinhando que a França das Luzes traduziu muito e foi pioneira em várias iniciativas, fornecendo material para novas traduções, em outras línguas, do texto que ela tinha inicialmente traduzido. Esse fato evoca-nos o sucesso das traduções de textos gregos nas edições “Les belles lettres”, muito difundidas no Brasil, e como muitos textos de Dostoiévsky e de outros autores russos chegaram a alguns de nossos tradutores pela versão em francês. De acordo com Chevrel, nesta perspectiva seria necessário perguntar em que medida os tradutores franceses foram eles próprios influenciados por esse papel de intermediários europeus que lhes coube representar. De certo modo sabiam que os textos por eles difundidos conteriam elementos de sua própria cultura e veiculariam também dados da experiência de cada um.

Vê-se nessas breves alusões que o trabalho do tradutor adquire pouco a pouco outras dimensões. De um lado, é ele quem estabelece as relações, quem torna mais fácil o conhecimento, a aproximação de povos e culturas, a quem é dado, por vezes, selecionar os textos a serem lançados na outra cultura, a quem, em suma, é entregue a tarefa de transportá-los. De outra parte, o tradutor interfere diretamente na produção literária de um país na medida em que ele recria, segundo um modelo anterior, formas e idéias que é preciso inserir na sua própria tradição. É um aspecto que se pode identificar na repercussão de um movimento como o da

⁸ Manfred SCHMELING. *Teoría y praxis de la literatura comparada*. Barcelona, Alfa, 1984.

⁹ Itamar EVEN-ZOHAR. *The position of translated literature within the literary polysystem*. Tel Aviv, 1978.

¹⁰ José LAMBERT. In: *Actes du Congrès de la SFLGC*, Montpellier, 1980. Do mesmo autor, “Traduction”. In: *Théorie littéraire. Problèmes et perspectives*. [Org. J. Bessière, E. Kushner, D. Fokkema e M. Angenot], Paris, PUF, 1989.

poesia concreta na literatura brasileira, cuja atuação, além da própria produção vanguardista, associou traduções e reavaliações de autores esquecidos e marginalizados, interferindo positivamente na nossa literatura por nela introduzir autores e orientações revolucionárias. Como esclarece Haroldo de Campos em “Poesia de vanguarda brasileira e alemã”, de *A arte no horizonte do provável*, “no empenho de criar a sua tradição — ou a sua *antitradição* — e de retirar da custódia timorata dos historiadores da literatura o vivo do passado literário para restabelecer as veredas escamoteadas numa evolução de formas cujo vetor fosse a criação, a poesia concreta brasileira — sintonizada em suas preocupações com a jovem guarda da poesia alemã — selecionou ainda, para a divulgação no Brasil, autores como um Christian Morgenstern e um August Stramm, além dos pintores-poetas Kandinsky e Klee” (1977:169).

André Lefevere em “Translation: its genealogy in the West”, comenta que a tradução é, em grande parte, responsável pela imagem de um texto, de um escritor e de uma cultura. A certa altura, anota:

*Together with historiography anthologizing and criticism it prepares works for inclusion in the canon of world literature. It introduces innovations into a literature. It is the main medium through which one literature influences another. It can be potentially subversive and it can be potentially conservative*¹¹.

¹¹ André LEFEVERE. In: *translation, history & culture*. [Ed. Susan Bassnett and André Lefevere] London, Pinter, 1990, p.27.

O caráter *subversivo* da tradução assinalado por Lefevere acrescenta ainda outro sentido à figura do tradutor, reconhecendo-lhe uma importância não considerada antes e acentua sua atuação no sistema literário como sendo potencialmente positiva ou negativa, responsável por avanços ou retrocessos em seu desenvolvimento.

Na medida em que a literatura traduzida age sobre a literatura nacional, estabelecendo com ela um processo de trocas e nela injetando elementos novos, o tradutor interfere na própria tradição literária. Nessa mesma perspectiva, Lefevere observa ainda que “translation is one of the most obvious forms of image makings of manipulation, that we have” (1990:26-7).

Da consciência deste papel, portanto, se conclui que o estudo das traduções pode nos dizer muito não apenas sobre o universo literário nas relações entre as literaturas, mas também sobre o mundo no qual vivemos.

Tradução e tradição

“Translation is not only the appropriation of previously existing texts in a mode of vertical succession; it is the materization of our

relationship to otherness, to the experience — through language — of what is different”, escreve Sherry Simon no ensaio intitulado “The language of cultural difference: figures of alterity in canadian translation”¹², atraindo nossa atenção para como são respeitadas a alteridade e as particularidades nas traduções, o que tem muito a ver com as normas históricas e institucionais que dominam as tradições nacionais, mesmo que elas não sejam eternas.

Um dos primeiros aspectos a sublinhar é a maneira como o tradutor entra em contato com a cultura a que pertence o texto que ele deve traduzir. Para alguns trata-se de um procedimento fácil, de acordo com as experiências particulares que lhe permitiram viver em um determinado país ou de visitá-lo com uma frequência capaz de assegurar-lhe certa intimidade com sua cultura. Para outros, a experiência é sobretudo livresca, construída à distância e sempre por intermédio de um terceiro. É o caso dos tradutores que se utilizam de uma língua estrangeira para transpor de outras que não conhecem. Há, pois, o uso de uma mediação. O tradutor vale-se de uma tradução anterior, em língua e cultura que ele conhece bem e sobre esta base organiza seu trabalho.

Excelentes tradutores adotaram este procedimento para traduzir de línguas que conheciam pouco e algumas vezes o talento individual, a formação literária, o domínio integral da língua de chegada permitiram que o trabalho resultante tivesse qualidade apesar de equívocos que só seriam evitados e dirimidos pelo confronto com o texto em língua original.

Por outro lado, há que se ressaltar as dificuldades das traduções que lidam com texto de tradições literárias diversas. No texto final, há uma superposição de tradições. O distanciamento cultural insere no texto que resulta certos componentes que não se encontravam no texto original e o transformam.

Suprimindo alguns elementos que seriam desconhecidos ao leitor, introduzindo outros que lhe são familiares, o tradutor facilita sua aceitação, possibilitando uma acolhida mais imediata. Nesse sentido, a observação de José Lambert é pertinente e esclarecedora quando diz que “chaque culture et chaque littérature (re)formulent, à leur façon, la traduction et ses variantes” (1995:192). Parafraseando o autor, é possível dizer que os tradutores (re)formulam, a seu modo, a própria tradição.

É o que observou Antonio Candido no prefácio à tese pioneira em estudos de recepção literária entre nós de Onédia Célia de Carvalho Barbosa, intitulada *Byron no Brasil. Traduções*, defendida na Universidade de São Paulo, em 1969.¹³ Ali, a autora realiza o estudo das traduções como elemento definidor da recepção de Byron no Brasil. Ela o faz em duas etapas: inicialmente, identifica os tradutores e as traduções no perí-

¹² Sherry SIMON. In: *Rethinking translation (discourse, subjectivity, ideology)*. [Ed. Lawrence Venuti], London, Routledge, 1992.

¹³ Onédia Célia de Carvalho BARBOSA. *Op.cit.* São Paulo, Ática, 1975.

odo de 1830 a 1911; logo, desenvolve a análise crítica dessas traduções. Onédia segue duas orientações teóricas em literatura comparada que estavam em vigor: a de Etiemble, em *Comparaison n'est pas raison* (1963), e a de Harry Levin, sobretudo em *Refractions* (1966), ambos adeptos do estudo de traduções. Ela combina dois métodos, a pesquisa histórica e a reflexão crítica ou estética, aliás complementares, segundo Etiemble. A classificação cronológica das traduções permite à autora determinar com precisão o desenvolvimento histórico das influências literárias e a repercussão de Byron na literatura brasileira. A análise crítica, por outro lado, enfatiza as soluções encontradas pelos tradutores e favorece o estudo comparado dos textos traduzidos.

No prefácio do livro, Candido sublinha a importância de pesquisas deste tipo para os estudos de literatura no Brasil, no âmbito dos quais não se pode evitar a orientação comparatista considerando as relações que nossa literatura sempre manteve com as da Europa.

Ao comentar a evolução que a autora estabelece a partir das traduções iniciais de cunho arcádico para as de cunho romântico, escreve Candido: “Estas (as de cunho romântico) mostram como os textos de Byron foram ajeitados pela sensibilidade local, que de um lado exagerou os seus traços, e de outro escolheu neles o que se ajustava melhor à moda literária daqui. Neste sentido, é fundamental o estudo sobre a opção de Francisco Otaviano, que empurrou os brasileiros para um certo Byron (o melodramático, o folhetinesco), enquanto ficava quase esquecido o Byron melhor, das sátiras e do *Don Juan*”.

Fica claro então que uma tradução pode alterar o texto original sob influência do contexto da literatura de chegada. Bem mais tarde, analisando as traduções de Baudelaire no Brasil, em *A educação pela noite e outros estudos* (1987), Candido voltará a insistir neste dado, colocando em evidência como os tradutores do poeta francês acentuaram certos aspectos de sua obra em detrimento de outros, em escolha dirigida pelas tendências de época ou as carências que eles reconheciam na literatura brasileira.

A possibilidade que tem uma tradução de repercutir efetivamente na literatura que a acolhe, nos faz lembrar o que diz Roland Barthes em *S/Z*, o estudo sobre a novela *Sarrasine*, de Balzac, publicado em 1970. Em certa passagem, lê-se: “Il y a d'un côté ce qui est possible d'écrire et de l'autre ce qu'il n'est plus possible d'écrire: ce qui est dans la pratique de l'écrivain et ce qui en est sorti: quels textes accepterais-je d'écrire (de ré-écrire) de désirer, d'avancer comme une force dans ce monde qui est le mien?”.

Retomando e transformando as palavras finais do autor, diríamos “que textos aceitaria eu *traduzir* para lançá-los como uma força neste mundo que é o meu?”.

Tal é o sentido da tradução como resultado de um desejo, de uma escolha deliberada por parte do tradutor. Desta maneira, as traduções contribuem a alterar profundamente as normas estéticas em curso, introduzindo um autor consagrado — Byron ou Baudelaire — em uma outra literatura. Trata-se, de acordo com Pascale Casanova em publicação recente — *La république mondiale des lettres*, 1999¹⁴ —, de uma “intraduction”, terminologia empregada pela autora para identificar o processo de introduzir em uma dada literatura inovações que pertencem a outra. Casanova considera que o programa de traduzir os clássicos elaborado durante o século XIX pelos românticos alemães é uma iniciativa deste tipo. Segundo ela, a esta noção se acrescenta outra, a de “littérisation”, definida como “toute opération — traduction, autotraduction, transcription, écriture directe dans une langue dominante — par laquelle un texte venu d’une contrée démunie littérairement parvient à s’imposer comme littéraire auprès des instances légitimes”.

Vista assim, a tradução é mais do que uma via de acesso ao universo literário, é uma forma de reconhecimento literário e não apenas uma “transposição lingüística”. Yves Chevrel em seu *La littérature comparée* (1989) salienta que “traduire, éditer une traduction, n’est pas seulement envisager une opération d’ordre linguistique, c’est aussi prendre une décision qui met en jeu un équilibre culturel et social”. Portanto, a tradução de um texto raramente é independente do sistema que deve acolhê-la.

Os papéis hoje atribuídos aos tradutores e às traduções nos processos de disseminação e de recepção literários, aqui mencionados, seriam certamente suficientes para que se considere a importância deste tipo de estudo no âmbito da literatura comparada, para que nele encontremos interesse e para que se converta em objeto de permanente reflexão.

¹⁴ Pascale CASANOVA. *Op. cit.* Paris, Seuil, 1999.